



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**RENITA NAIR DAMETTO**

**(Entrevista)**

**2018**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-855

**Entrevistado:** Renita Nair Dametto

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Porto Alegre - RS

**Entrevistadoras:** Jamile Mezzomo Klanovicz e Johanna Ermacovitch Coelho

**Data da entrevista:** 05/02/2018

**Transcrição:** William Charles Osório Gomes

**Copidesque:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Pesquisa:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 45 minutos e 17 segundos

**Páginas Digitadas:** 14 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da dissertação de mestrado de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *Histórias, memórias e narrativas de mulheres no handebol do Rio Grande do Sul: contextualizando o universo do apito*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em agosto de 2019.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação e inserção na área do esporte; Participação no Jogos Escolares Brasileiros; O handebol na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Trajetória no Handebol; A presença de público nas competições de Handebol; Campeonatos escolares; Arbitragem; A história do Handebol no Rio Grande do Sul; Participação das mulheres; Participação da Seleção Brasileira de Handebol em competições internacionais; Atuação na Fundação de Esporte e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul; Políticas públicas de esporte;

Porto Alegre, 05 de fevereiro de 2018. Entrevista com Renita Nair Dametto a cargo das pesquisadoras Jamile Mezzomo Klanovicz e Johanna Ermacovitch Coelho para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. - Primeiramente quero te agradecer por estar cedendo a entrevista. E eu gostaria que tu iniciasse me contando da tua formação e como tu iniciou no esporte?

R.D. - Então eu sou oriunda da escola pública, eu estudei no Instituto de Educação<sup>1</sup> e no Colégio Júlio de Castilhos<sup>2</sup>, e o esporte ali no Instituto era uma coisa bastante incentivada, apesar de outras áreas também, como as artes, a música havia coral e havia aula de inglês, de francês, e a questão do esporte era bastante incentivado, ou seja, a gente tinha uma gama de oportunidades, era forte o ensino público. E no esporte a gente começou com uma proximidade do Ramiro Souto<sup>3</sup>, ali da escola. A gente fazia algumas competições, na parte de atletismo lá, e como o atletismo é meio básico, meio basilar para quem pretende fazer alguma coisa no esporte, eles nos levavam para lá. A professora Diva Santiago<sup>4</sup>, que foi minha primeira professora, que me viu e disse que eu tinha que praticar esporte. Enfim, eu comecei por aí, e depois acabava que todas as modalidades esportivas tu podia também ter um horário de treino, fora da aula de Educação Física, a gente começou... Tinha voleibol, eu joguei voleibol, joguei basquete, e acabei... Jogava também handebol! Mas quando eu fui para o Ensino Médio, então segundo grau na época, eu fui para o Julinho e basicamente, eu acabei focando no handebol. Então eu iniciei aí e, naquela época tinha a UMESPA<sup>5</sup> aqui em Porto Alegre que fazia competições e depois o próprio JIRGS<sup>6</sup> era bastante forte. Eu terminei o Ensino Médio e não sabia muito o que fazer, a gente é adolescente e daí: “vou fazer Educação Física!” Daí fiz o vestibular, fiz na UFRGS<sup>7</sup> também, mas na época era bem complicado, porque na minha época tinha a história da segunda opção, é aquilo... Então, muita gente que fazia Medicina ou outras faculdades que pudessem utilizar outras cadeiras da Educação Física, então eles... Enfim, eu não passei na UFRGS! E como a gente jogava além da escola, começou a ter também alguns clubes em

---

<sup>1</sup> Instituto de Educação General Flores da Cunha.

<sup>2</sup> Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

<sup>3</sup> Parque Ramiro Souto.

<sup>4</sup> Diva Santiago Corrêa.

<sup>5</sup> União Metropolitana dos Estudantes Secundários de Porto Alegre.

<sup>6</sup> Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul.

<sup>7</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

algumas cidades, pelo JIRGS ser um evento forte no estado... São Leopoldo<sup>8</sup> começou a buscar algumas atletas, de algumas modalidades e daí bom, a nossa equipe aqui de Porto Alegre basicamente se mudou para lá, e jogamos o JIRGS por São Leopoldo e a gente foi campeão naquele ano. Eu tinha feito vestibular na Feevale<sup>9</sup> também, e aí eu sei te dizer que eu ganhei bolsa de estudos na Feevale, e eu cursei Educação Física lá. Fora essa parte, mais aqui no âmbito do Estado, tinha os Jogos Escolares que chamava na época de JERGS, mas aqui infelizmente, Santa Maria<sup>10</sup> era um polo bastante forte de handebol, tanto no... Mais o masculino, o feminino jogava também, mas não era *tão bom* quanto o masculino, o masculino era mais forte. Eles enfim, acabam representando lá de Santa Maria, na área do handebol tanto o masculino como o feminino, o nosso Estado, e eles não tinham assim por hábito convocar de outros lugares, de outras cidades, ficava meio que uma panela da cidade, então, eu nunca participei dos Jogos Escolares Brasileiros *de handebol*, no entanto de basquetebol tinha aqui em Porto Alegre, eu fui convocada. Porque eu só jogava basquete de brincadeira, não tinha um treino assim específico, mas enfim, fui convocada e fiquei entre as doze atletas que iam, mas no fim por não ser o meu ambiente e não estar muito acostumada, as gurias que eram do Anchieta<sup>11</sup> foram. Aí, eu acabei desistindo e foi assim uma decisão horrorosa que eu tive que tomar na minha vida, porque o que eu ia dizer, não é? Porque eu fui treinar porque eu achei que eu nunca ia ficar, sabe, entre as doze. Daí acabei ficando e tive que dar toda uma desculpa, vou dizer: “Vou abrir mão, por isso, por isso”. E aí isso sempre foi uma coisa que me marcou muito, eu não ter participado de nenhum Jogos Escolares que naquela época, até hoje, é uma coisa bacana. Lembra Johanna, ali nos Jogos da Juventude, que chama hoje e tal, nem sei se é esse nome ainda, deve ter mudado já, é... Jogos da Juventude então... Mas aí eu estava na Feevale, e daí quando teve o JURGS<sup>13</sup> eu fui participar dos Jogos Universitários, eu já estava lá na Feevale e foi o primeiro campeonato assim de, no âmbito escolar digamos assim, que eu participei. E aí também naquele ano estava saindo uma, não naquele ano, acho que foi no outro ano que saiu, não me recordo bem as datas. Mas aí saiu assim uma das primeiras convocações pra Seleção Brasileira de Handebol, que estava se formando. E aí eu fui a única gaúcha convocada, então, eu sou meio histórica também. Fui a primeira a ser

---

<sup>8</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>9</sup> Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo.

<sup>10</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>11</sup> Colégio Anchieta.

<sup>13</sup> Jogos Universitários do Rio Grande do Sul

convocada e tal. E ali eu acho, assim, aconteceu também uma coisa que eu me formei e a gente atleta não tinha condição de só querer jogar, a gente tinha que trabalhar. E como eu me formei eu disse: “Bah<sup>12</sup>, eu vou ter que trabalhar.” E também eu só joguei aquele ano porque eu parei de jogar, daí eu não pude mais, fui trabalhar e casualmente fui trabalhar... Que na nossa área assim estava difícil, não tinha nada, não tinha nenhum concurso aberto e eu achei que com o meu currículo que eu ia chegar nas escolas particulares: “Bah, vão querer me contratar!” E tive bastante dificuldades naquele ano que eu concluí a faculdade, aí fui falar com o Kalil<sup>14</sup>, que eu conhecia através do esporte, ele estava aqui em Porto Alegre e era presidente da Federação Gaúcha de Handebol. E ele disse: “Se tiver alguma coisa aqui é muito burocrático.” Eu disse: “Mas eu quero, vou aprender. O que importa é aprender!” Bom, fui lá, daí ele me chamou e comecei a trabalhar na atividade administrativa e eu fiquei sete anos. Nesse meio tempo eu não abandonei assim aquela vontade de trabalhar na minha área e tal. E fiz um concurso para o Estado, eu passei, fiz o concurso aqui na Prefeitura, passei fui chamada, demorou um pouquinho, mas acabei sendo chamada. Em 1992 eu entrei aqui, e no Estado acho que foi 1980, eu nem sei, acho que 1989, 1990, não me lembro agora. Mas aí o Estado eu acabei abrindo mão porque eu quase pagava para ir trabalhar, daí eu fiquei aqui, depois... Entrei com vinte horas, depois já me passaram pra trinta, daí eu fiquei um bom tempo aqui trabalhando trinta horas... Daí o Kalil resolve a concorrer a deputado, vira deputado, aí eu trabalhava lá com ele e trabalhava aqui. Aqui eu trabalhava sábado e domingo, porque tinha essa possibilidade. Bah, foi cinco anos da minha vida uma coisa assim *muito, muito* puxado. Mas enfim. E aí depois com o Kalil, daí ele continua com a carreira pública dele, e foi ser nomeado Secretário da Ciência e Tecnologia, que foi uma oportunidade maravilhosa na minha vida. Nada a ver com a Educação Física, mas a ver com a Educação e foi um período que eu me aproximei bastante da academia de novo, eu tinha feito uma especialização lá na UFRGS em 1987, com o próprio Petersen<sup>15</sup> e tal, uma turma lá, de Treinamento Desportivo. Eu voltei a estudar, depois assim de vinte anos sem estudar *nada, nada, nada, nada*, um baita desafio e tal. Fiz mestrado em Educação, quase morri, aí essa foi a vez que eu mais estudei na minha vida. Mas enfim, Ciências e Tecnologias, uma área diversa, mas foi bastante interessante. E aí depois que veio a oportunidade da FUNDERGS<sup>16</sup>. Bom, eu pensava

---

<sup>12</sup> Expressão regional.

<sup>14</sup> Kalil Sehbe Neto.

<sup>15</sup> Ricardo Demétrio de Souza Petersen

<sup>16</sup> Fundação de Esporte e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul

assim: “Bah, é um momento único, a gente acredita que o esporte transforma, inclui e tal”. Eu era um exemplo vivo de tudo isso, por quê? Porque eu estudei em escola pública, porque eu cheguei onde eu cheguei por causa do esporte que fiz amizades com uma pessoa que me oportunizou e eu acho que o esporte era tudo isso. Eu disse: “Bah, o máximo que eu puder fazer aqui na FUNDERGS que a gente consiga consolidar na nossa área, que deixa uma raiz e uma marca que a gente possa mudar tantas vidas”. Mas infelizmente não conseguimos deixar isso e isso acabou sendo extinguido, simplesmente, acabou todo negócio e voltei para cá né, meu órgão de origem. Então aqui é bom porque a gente tem amigos ainda da época que a gente entrou, muitos anos atrás, claro que tem muita gente nova já, mas pelo menos esses que a gente conhece são um pouquinho de tranquilidade. Então tipo assim, essa foi a história.

J.K. - Certo. E nesse período que tu foi para São Leopoldo, tu sabes me dizer quem era o teu treinador?

R.D. - Sim, Luiz Fernando Framil Fernandes.

J.K. - O Fernandes.

R.D. - Ele depois foi diretor lá na Feevale. Não ainda onde é que anda agora, se ele ainda dá aula lá, talvez.

J.K. - É, agora não sei se ele está ainda lá. Eu lembro que ele foi, chegou a ser diretor lá.

R.D. - Pró-reitor.

J.K. - E na época que tu competiu no handebol, sabe me dizer como era a presença do público nas competições?

R.D. - Pouco, era basicamente assim, o voleibol chamava um pouco, mas nem perto do que ficou depois. Mas era pouco, público pequeno, pouca gente assistindo. A não ser que

fosse... Eu me lembro uma vez que a gente foi do Julinho, foi jogar em Jaguarão<sup>13</sup>, no ginásio, claro, pequeno, lotado, a rádio da cidade, aquela coisa, entrevistando a gente. Então foi um acontecimento. Se tu fosse mais para as cidades do interior e pequenas, aí sim mobilizava, senão... Por exemplo, quando tu ia jogar o JIRGS, vai passar em Camaquã<sup>14</sup> lá como tinha aquele evento lá, as pessoas se mobilizavam, estava em um acontecimento na cidade. Agora eu acho que atualmente pelo que agente vê aqui e que a gente viu também, é aquilo que a gente estava falando antes: os adolescentes, o objetivo é outro, são poucos que tem no esporte um ideal, sem mobilizam para isso. Até preocupante um pouco.

J.C. - Bastante preocupante.

R.D. - Bastante! Eu estava vendo, vocês não viram aquele negócio da Islândia que passou? Que infelizmente assim, um país frio e aquela coisa noite, tal, tal, tal, eles bebiam demais, chegava cinco da tarde, assim, estava tudo escuro e já começavam ir para as ruas e não precisavam nem ser maior de idade. Ainda muitos adolescentes e assim, a partir de 13, 14 anos bebendo, se drogando. Aí eles fizeram uma mobilização lá, começando da escola, dentro da escola, incentivando praticar esporte desde pequenininho e diminuiu drasticamente. Chegaram a ter quase, eu não sei agora em percentuais, eu não me lembro, mas acho que se procurar isso aí, que eu achei... Pô, a gente sabe que isso, mas em termos aqui das nossas políticas públicas isso não existe. A Educação Física está cada vez pior, primeiro tu nunca rodou, aí: “Ok, beleza!” Não vai rodar, mas tem que ter frequência... “Está bem, não quer fazer não faz, não sei o quê...” Então agora na própria grade de horários: “Se der tu bota Educação Física...” Então como é que vai desenvolver, como é que alguém vai ter vontade de fazer, não é? É difícil.

J.K. - É. E nesse período das competições tinha alguém que arbitrava os jogos, as partidas?

R.D. - Sim, sim. A Federação montava cursos e tinha um grupo de árbitros. Eu vi ali que tu pergunta sobre mulheres. Na minha época não tinha, era só quanto muito ali na mesa, fazer alguma coisa assim, mas era só homens. Eu acho que até é uma coisa de, teoricamente, naquela época, assim, impor mais respeito e tal. Mas era uma turma conhecida, boa assim,

---

<sup>13</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>14</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

pessoal legal. Mas, eu sei de uma colega minha, até mais de uma, acho que duas, uma até estava na ACM<sup>19</sup> ali, muitos anos, era Ivete<sup>20</sup> o nome dela, uma moreninha. Ela começou arbitrar e a Mara<sup>21</sup> também que jogou comigo, eram as duas mulheres. Ela começou a fazer arbitragem ali na década de 1990, eu acho, final dos anos 1980 por aí. Antes disso eu não sei, de... Eu pelo menos nas competições... E a gente participava de todas na verdade, nunca vi, nunca vi mulher. Não me lembro assim.

J.K. - Certo. E mais em relação assim a história do handebol no Rio Grande do Sul. Tu saberia me contar a respeito disso?

R.D. - Pois é, o que eu sei é que tinha... Eu começo a jogar... *Bah*, anos idos isso. Então eu estava ali na... A partir da quinta série eu acho, na época eram oito anos. Eu acho assim, os nossos colegas professores de Educação Física claro que trabalhavam a modalidade tranquilamente, mas para mim onde eu enxergo como berço do handebol aqui no Estado é Santa Maria. Foi Santa Maria. Eu sempre tinha como referência eles lá. Acho que lá funciona... Então para mim é Santa Maria. Santa Maria e tem dois professores que podem te falar bastante que é o Celso Giacomini<sup>22</sup>, não sei se alguém já te falou.

J.K. - Sim, até já entrevistei ele.

R.D. - E o Matheus Saldanha<sup>23</sup>.

J.K. - Matheus Saldanha, é esse ainda não entrevistei.

R.D. - É, ele era mais do feminino e o Celso do masculino. Ali começa, tu vê tem... Eles trouxeram equipes da Alemanha para treinar aqui, teve um dos primeiros atletas que foram para a Alemanha convidados e moram até hoje lá. Ele deve ter te falado, não me recordo agora o nome dele, me fugiu. Mas era maravilhoso ver eles jogarem assim, era um espetáculo, o masculino era fantástico.

---

<sup>19</sup> Associação Cristã de Moços

<sup>20</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>21</sup> Mara Elizabete Crapanzani.

<sup>22</sup> Luis Celso Giacomini.

<sup>23</sup> Matheus Francisco Saldanha Filho.

J.K. – Tu sabe mais ou menos que ano foi isso?

R.D. - Sei, isso aí... Começa nos anos 1980 sabe, eu acho que de 1980, 1990 e poucos, foi uma época bem rica que se estruturou, começaram a fazer... Por exemplo, eu fui convocada em 1983 e em 1983 eu tinha... Eu sou de 1962, eu tinha 21 anos. Eu fui convocada e parei de jogar, porque na minha época tu com... Me formei com 21, a gente sai assim meio perdida, mas daí formava já tinha que trabalhar, não tinha essa história de ficar jogando, entendeu? Mas esse que conseguiu... Eu me lembro do irmão dele que é professor pesquisador aí na UFRGS até hoje ali na Faculdade de Farmácia, com negócio de cérebro lá, um cara... Eu não sei o nome, me esqueço o nome dele.

J.C. - Pesquisadores de cérebros.

R.D. - [Risos]. E ele era árbitro inclusive, ele era árbitro. Então esse pessoal de Santa Maria ainda conseguiu algumas colocações assim, legais de ir pro exterior, foram outros também lá. Mas esse que eu não estou conseguindo dizer o nome. Jogava muito e ficou morando na Alemanha, ficou lá, fez a vida dele. Eu acho que assim, é a pessoa de sucesso dessa leva sabe, assim, quem conseguiu acho que ganhar alguma coisa através do esporte, claro, outras épocas, outros períodos, enfim.

J.K. - E tu sabe me dizer quem é que trouxe a modalidade pro Estado?

R.D. - [Silêncio]. Não...

J.K. - Como que ela se inicia, porque na realidade o que tem nos livros até... Por exemplo, em São Paulo inicia dentro das imigrações alemãs e tudo mais, aqui no Estado tem uma coisa em Santa Maria.

R.D. - Pois é, não sei. Eu acho que deve ter tido e acho que tem muito vínculo com a imigração alemã, tu vê até ali na ginástica aquela história do punhobol, que até hoje só eles jogam, mas enfim... Tem esse vínculo, mas eu não sei te informar isso, realmente não sei. Eu, quando eu comecei a praticar, o Presidente da Federação, era o Egídio Neiss, que era

um cara que fabricava bola na real, sabe. Não sei se ele fabricava, o Presidente, se ele era, não sei assim, muito pequena na época, não me lembro, não sei te dizer. Mas eu me lembro do nome dele, que era esse senhor meio alemão, até tinha um jeito físico digamos... E pelo sobrenome também eu acho que ele até deveria ser. Mas quem trouxe, não sei. Tu vê, eu começo quando estou na escola ali no Instituto de Educação, eu, 1962 com 7 anos, 8 anos... Não, mas antes, 1973, 1972, eu começo a praticar e aí começo a jogar handebol ali... Então tu vê, vamos pensar assim de 1975 eu vou até 1985, a última vez que eu joguei, um JIRGS por Santa Maria. Eu não jogava mais até, não fazia mais nada, estava trabalhando não tinha tempo, mas aquela vontade que fica na veia. Daí eles me convidaram lá em Santa Maria, daí eu fui lá jogar, foi a última vez, em 1985. Então dá... Tu vê como é curta, se tu olhar dez anos, é pouco tempo. Mas era uma coisa intensa assim, era muito legal, esporte, tem aquela coisa que faz bem pra todo mundo eu acho. Então essa Federação não sei.

J.K. - Tudo bem.

R.D. - Talvez o Kalil sabe alguma coisa porque ele pegou a Federação do Egídio.

J.K. - E tu sabe me dizer qual foi o período de maior visibilidade do handebol? Tanto as equipes masculinas, quanto as femininas.

R.D. - A eu acho que é, para mim assim, que eu me lembro a década, o início dos anos 1980 ali, eu acho que era a época... Eu tenho em casa recorte de jornal, a gente saía no jornal, a própria Zero Hora<sup>25</sup> fazia os melhores do ano de cada modalidade, tinha do vôlei, do handebol, sabe. Era um negócio interessante assim, era notícia digamos assim. Hoje o que que é notícia? É só quando joga a Seleção Brasileira, tem toda aquela cobertura e tal. Mas a questão local sempre foi difícil ter o apoio, mas eu enxergo que tinha mais do que hoje. Eu via por todas as coisas que a gente oferecia ali, não é Johanna, a gente tentava de alguma forma, de algum lugar, algum espaço, não tem, o próprio trabalho que é feito aqui em Porto Alegre. O que que aparece? Quando as piscinas não funcionam, agora que está funcionando não aparece. “Não tão funcionando...” A Record<sup>26</sup>, por exemplo, que adora um sensacionalismo. Mas então eu acho que o auge deve ser no início dos anos 1980,

---

<sup>25</sup> Jornal Zero Hora.

<sup>26</sup> RecordTV.

assim acho que foi a melhor época. Mas é aquela coisa, não se é a época que a gente viveu, também tem isso, a época que a gente viveu sempre parece ser a mais...

J.C. - Não tem como ser outra, porque a outra tu não sabe...

R.D. - É. E, depois da gente o que eu vejo é menos para quantidade de oportunidades que se tem eu acho que a coisa é menor.

J.K. - E em relação a Federação Gaúcha de Handebol, tu acha que eles tem um projeto, algum programa de visibilidade para a modalidade no Estado?

R.D. - Que eu conheça, não.

J.K. - E a FUNDERGS, tinha algum projeto, não necessariamente só o handebol, mas ao esporte aqui no Estado?

R.D. - Olha, eu acho que a gente assim, em termo de publicizar o que a gente estava fazendo, eu acho que faltou, a gente não... Primeiro, que não se pode, quando tu faz a coisa pública investir nisso aí é bem complicado, tu tem que seguir toda umas normas, os parâmetros... O próprio Estado tem agências que são licitadas e que atendem as Secretarias, as Fundações e tal. Só que o dinheiro é sempre curto, então quando entrar o que que para o político que está lá fazendo essa gestão é mais importante, dizer que lá na FUNDERGS nós fizemos o primeiro Campeonato de Cegos lá, como é que foi...

J.C. - De surdos.

R.D. - De surdos, perdão. De surdos ou tu dizer que: “Tantos mil alunos na área de Educação foram atendidos...” Então tu fica sempre à margem, essas agências não te dão nem bola para a área do esporte. E o que a gente fazia? A gente usava um pouco as redes sociais, tentou ali atualizar a página da FUNDERGS, botar algumas informações ali, uns campeonatos e tal. Esse foi o meio que a gente usou, que era possível, mas como a gente fez a Conferência Estadual de Esporte, a gente dividiu o Estado em oito regiões e fez Conferência... Então a gente chamou essas pessoas que estavam trabalhando com esporte,

com a Educação Física, para dizer: “O que vocês querem?” Então a gente rodou ali no primeiro ano e foi buscar essas informações, já fazendo dentro das universidades... Para trazer as universidades a gente tentou criar o polos de desenvolvimento do esporte, que eu acho esse teria sido o maior legado que a gente podia ter deixado, que quando esse governo entrou, independente de tirar a FUNDERGS, mas continuar com a Secretaria, teria que ter mantido isso aí. No meu entender é uma possibilidade que a gente tinha de desenvolver nessas regiões ali, com a universidade. E o cara que entrou depois disse que isso era para fazer política de voto, quer dizer, era uma mentalidade assim... Como ele era o exemplo que a gente tinha de político, o cara entrou era... Tudo que a gente tentou montar, ele acabou. E a gente viu também o seguinte, que a gente vê que o pessoal do esporte é muito individualista, o cara tem aquela visão assim: “A minha equipe está aqui, está boa, está bem... Azar”. Então o que levou essa, para mim, essa visão individualista nossa do esporte e a gente tem... Eu vou ter que comungar, certamente também fui, sei lá, mas enfim. Eu achei que com essa rede de universidades e tal, não iam deixar acabar simplesmente fechar como fizeram, que isso ia nos dar lastro. Mas o que me consola de certa forma é que a própria área das Ciências e Tecnologias que trabalha diretamente com as universidades também, também fecharam, fecharam a CIENTEC<sup>27</sup>, a Fundação de Ciências e Tecnologia do Estado. Então não adianta... Político quando propõe, quer dizer, agora nós estamos vivendo um momento que o entendimento é que a gente tenha que privatizar as coisas, que a iniciativa privada de conta e que isso faça o Estado Mínimo, que não há necessidade desse tipo de política. Então, lá na FUNDERGS, a gente tentou e eu acho que a gente tinha projeto sabe, uma coisa assim, se entrou lá, nós sabíamos o que nós queríamos, nós tivemos todo um projeto para os quatro anos que era da nossa gestão. Tanto que quem entrou deu sequência ali no último ano, mas enfim, a gente viu que isso não foi forte o suficiente, não foi forte! Agora como que a gente faz para retomar, eu acho que tem que ser uma coisa assim, muito de cima para baixo, meio impositiva e não nesse momento, esse momento para nós hoje está fora dos planos de gestão...

J.C. - Mas era muito projeto, tu está sendo bem humilde assim. Gente era muito projeto, o CETE<sup>28</sup> foi retomado, tinha handebol, tinha não sei o quê. Aquilo não parava, todos os ginásios ocupados, o Centro de Treinamento, hoje tem alguns que ainda funcionam,

---

<sup>27</sup> Fundação da Ciência e Tecnologia.

<sup>28</sup> Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

ginástica e judô, todos os Jogos Surdos, JIRGS, PARAJIRGS<sup>15</sup>, manda atleta para competições, a convivência com o COB<sup>30</sup>, curso para administrador, guria é aquela loucura. Era muito trabalho.

R.D. - Fora tudo isso, um projeto que eu botei parte do braço e montei basicamente sozinha, um troço grosso desse tamanho, que foi captar recurso com o Governo Federal, no Ministério do Esporte para reforma geral do CETE. E nós buscamos, nós ganhamos esse recurso, tanto que a pista foi refeita na nossa gestão, aprovei na Caixa Econômica Federal que era o que tinha mais... Nós desmanchamos aquelas federações caindo aos pedaços, que aquilo era um lixo, sério. A gente cercou a área do CETE, porque era cheia de drogado de noite, era horrível ali. A primeira coisa foi cercar, reformamos minimamente para poder entrar com... Que era assim, era o ciclo olímpico que a gente estava vivendo, então a ideia era pegar as crianças com essa motivação do país estar vivendo isso, a gente começar a buscar para praticarem esportes. E aí a gente fez de diversas modalidades, de ginástica, de judô, de lutas de uma forma geral, ali no ginásio poliesportivo a gente tinha voleibol, tinha basquete, tinha badminton, atletismo. Era muita coisa. E enquanto isso tudo estava acontecendo, se desenvolveu esse projeto para buscar dinheiro para fazer a Casa do Esporte onde nós íamos instalar a Secretaria de Esportes e a FUNDERGS e um ginásio do lado onde embaixo das arquibancadas ia funcionar todas as federações esportivas e o pior: a gente aprovou todos esses projetos, que na Caixa, que é assim... Tu imagina hidráulica, engenharia toda que é um horror aquilo. Depois de tudo aprovado, o dinheiro aqui, o Estado do Rio Grande do Sul devolve o recurso. Então é lamentável, é assim triste, mas a Johanna disse que eu sou, que eu fui humilde, não, mas sabe o que é? A gente falar do que a gente fez é meio ruim, sabe? Então prefiro dizer assim: “Olha, a gente tinha projeto, a gente tinha planos, a gente botou esse planejamento em execução, a gente reavaliou por diversas vezes, corrigiu umas coisas, incluiu outras que tinha ficado...” E assim a gente foi numa crescente, eu acho que para três anos que foi o tempo que eu fiquei ali a frente da FUNDERGS, a gente conseguiu fazer muita coisa, a própria contratação dos nossos colegas, da gente ir lá na Assembleia<sup>16</sup> bater... Eu me lembro que quem estava na Casa Civil ali com o Governador com o Tarso<sup>31</sup>, ele chegou para mim numa quinta-feira e

---

<sup>15</sup> Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul para Pessoas com Deficiência.

<sup>30</sup> Comitê Olímpico Brasileiro.

<sup>16</sup> Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>31</sup> Tarso Fernando Herz Genro

disse assim: “Renita, tu consegue me dar o plano de cargos e salários da FUNDERGS?” Eu disse: “Claro, consigo, para quando que tu quer?” “Segunda.” Coisa doida e a gente virou, virou, para que tinha que qualificar cada área, cada professor.

J.K. - Sim.

R.D. - Foi uma loucura. Mas a FUNDERGS estava lá, foi uma dar primeiras naquele Governo a conseguir e a gente contratou os professores. Então por isso que lá na sala onde a Johanna trabalhava era a nata da nata, entendeu? Tudo por currículo, eu nunca tinha visto a Johanna na minha frente, nunca vimos ninguém, nós não privilegiamos nada, o negócio era sério mesmo. E aí se montou esse grupo maravilhoso e saíram a trabalhar para todas essas áreas... As pessoas tinham prazer de trabalhar e trabalharam, não foi pouco que essa gente trabalhou, não é só a gente estava lá conduzindo, não. O grupo todo trabalhou *muito* pelo esporte. Passou... O que nós vamos fazer, não é Johanna? Mas foi bem legal, então o que eu diria para vocês dessa minha experiência é que cada vez mais acredito naquele nosso lema de que “o esporte educa e insere socialmente, dá qualidade de vida, dá sentido na vida das pessoas, encaminha, dá oportunidade e faz a diferença.” Eu me sinto uma prova viva disso. Ali no coleginho, lá e tal claro, era uma escola maravilhosa, mas é por isso que eu digo: “Na escola pública eu acredito!” Claro que hoje, lamentavelmente, a gente tem uma história triste, muito distante, a escola se fechou de uma forma geral, não é só em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, está trancada dentro daqueles muros caindo aos pedaços. Tem que mudar né, eu acho que isso que levou também à isso. Mas tu imagina tu ter oportunidade de estudar francês e inglês, teatro, nada mais nada menos do que a Olga Reverbel<sup>32</sup> era professora lá, vocês nem conhecem, nunca ouviram falar, mas era assim o nome ícone do teatro aqui. E assim era, isso era a escola pública, era escola pública. E o handebol então, tu imagina, eu ainda escolho um esporte que nem sabem que existe, até hoje é uma coisa assim pouco né... Mas tinha uma história que falavam muito que eu usava. Eu dizia: “Tu sabe por que eu pratico handebol?” Porque na década de 1980 com a Olimpíada de Moscou, foi feito uma pesquisa sobre o QI<sup>33</sup> dos atletas de algumas modalidades e os que tinham o QI mais alto era os que praticavam handebol. Eu dizia: “É por isso que eu faço handebol” [risos], me explico para o pessoal. Mas enfim, claro é um

---

<sup>32</sup> Olga Garcia Reverbel.

<sup>33</sup> Quociente de Inteligência.

esporte bastante violento, de contato né, uma coisa... Eu, com esse tamanho todo, daí claro, acabei tendo um pouco de sucesso. Mas era muito bom, era um período excelente. Como vocês, tu praticava algum esporte?

J.K. - Eu praticava atletismo.

R.D. - Johanna, o que que tu fazia? Ginástica desde sempre, não é? [risos].

J.C. - Acho que desde que nasci.

R.D. - Desde que nasceu... Tu estudou em escola pública também?

J.C. - Eu fui bolsista, em colégio particular, mas fui bolsista. Por causa do esporte que eu estudei em colégio particular.

R.D. - É isso aí: “Eu fui bolsista!” lá atrás. Então como essas coisas são importantes. Como isso faz a diferença na vida das pessoas, meu Deus do céu. *Bah*, foi muito incrível como a gente... Eu e minha irmã estudamos em escola pública, daí minha irmã fez, uma das primeiras, foi fazer Nutrição lá na Unisinos<sup>34</sup> e a mãe pagou. Eu não tenho pai, meu pai faleceu super cedo, 33 anos, então, a minha mãe pagou a faculdade para ela. Daí ela disse assim: “Como eu paguei para a tua irmã, eu vou te dar o dinheiro da faculdade para tu também, já que tu ganhou a bolsa.” E eu guardei toda a grana, eu era casquinha, guardei todo o dinheiro e daí depois... Acabei casando, me separei, mas com aquele dinheiro é que eu comprei o meu primeiro apartamento, que eu dei de entrada. Então tu vê, como aquilo e a história de tu ter uma disciplina ali dentro do esporte, tu ter um ritmo de vida, para as coisas que tu quer, te dar esses outros, te dar esses instintos de outras áreas... Eu acho que o professor de um modo geral é assim, talvez se uns botasse para fazer aula de matemática, não sei patavina, eu vou dar um jeitinho e vou dar aula. A gente tem essa coisa flexível. Só não gosto quando dizem assim: “Aí tem quermesse, vamos carregar a mesa?” A gente tem que ir também, a gente tem que dar uma segurada, mas é bem assim gurias. Mas fico feliz com a pesquisa de vocês e que tenham sucesso, que possam amarrar todas essas pontas porque cada um fala um negócio, também é complicado.

J.K. - Não, no fim tudo se encaixa, tudo dá certo.

R.D. - É, tudo dá certo.

J.K. - Tu queria perguntar mais alguma coisa para a Renita, Johanna?

J.C. - Não, acho que não.

J.K. – Então, Renita, quero te agradecer novamente. Muito obrigada pela entrevista.

[FIM DA ENTREVISTA]

---

<sup>34</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos